

# FEMINISMO PÓS-COLONIAL E INTERSECCIONALIDADE: Uma reflexão a partir da pesquisa do CEINAV

**Maria José Magalhães** – FPCEUP / CIEG, CIIE, CEINAV,  
Porto 30 Junho 2016



## Introdução

- Os “encontros culturais” são enquadrados em fronteiras teóricas interligadas com as experiências das mulheres, migrantes ou não, que, por alguma razão, entraram nos sistemas nacionais de intervenção contra a violência.
- Desde uma localização feminista e pós-colonial é importante refletir sobre a posição subalterna das mulheres nos contextos onde está a decorrer a investigação. Apesar das diferentes dinâmicas históricas, culturais e políticas que encontramos nos 4 países, é possível observar um sistema patriarcal, capitalista e colonialista nestes contextos.

## As nossas lentes teóricas (1)

- O conceito de subalternidade de Gramsci, posteriormente, desenvolvido por Spivak (1988), revela-se útil para melhor compreendermos as experiências das mulheres sobreviventes. Spivak vai mais tarde restringir este conceito apenas às mais marginalizadas, no entanto, para a reflexão acerca da intervenção contra a violência, a noção inicial pode ser mais produtiva.
- Existem diferentes níveis de subalternidade se cruzarmos a opressão de género com as opressões de “raça”, etnicidade, sexualidade, idade e outras. Assim, é crucial evitar uma noção essencialista de mulher e feminilidade.

## As nossas lentes teóricas (2)

- A base teórica da nossa análise refere-se a um sujeito coletivo de mulheres, heterogéneo e fragmentado, na materialidade das suas (nossas) próprias histórias e trajetórias colectivas e pessoais, refutando a construção “mulher” como um “outro composto cultural e ideologicamente” (Mohanty, 1988: 334). O discurso liberal pressupõe, por um lado, um cidadão livre dos constrangimentos económicos, físicos e emocionais (James, 1992), e, por outro, a vitimização generalizada das mulheres. Neste sentido, a desigualdade de género evidencia que as mulheres são diferentemente posicionadas no sistema de cidadania.

## As nossas lentes teóricas (3)

- As políticas sociais e jurídicas sustentados pelas perspectivas de género mainstream enfatizam a noção socialmente construída da mulher como “educada, moderna, com controlo sobre o próprio corpo e sexualidade, e com liberdade de escolha” (Mohanty 1988: 337). Este modelo ideal de mulher, no ocidente, serve para construir, numa relação hierárquica e oposicional, a *outra* mulher (as *outras* mulheres do 3º mundo) que são assim descritas como “sexualmente reprimidas, ignorantes, pobres, tradicionais, domésticas, dedicadas à família.” (Ibid.).

## As nossas lentes teóricas (4)

- Este processo de subjectivação das mulheres provoca diferentes níveis de vitimização nas experiências de violência e percursos de intervenção.
- Na análise dos sistemas de intervenção contra a violência, torna-se crucial ter como base as perspectivas feministas pós-coloniais que permitem ultrapassar as limitações que derivam dos processos da colonialidade do poder para não incorrer na (re)produção de narrativas hegemónicas e na violência epistémica subjacentes ao multiculturalismo liberal (1988, Spivak).

## Colonialidade

- As perspectivas feministas pós-coloniais denunciaram os processos de poder colonial e a violência epistêmica (Spivak, 1988) das narrativas hegemônicas e das visões neoliberais subjacentes ao multiculturalismo “benigno” (Torres, 2001).
- As teorias pós-coloniais *mainstream* trouxeram o conceito de *colonialidade*, para falar da produção de conhecimento e de significação do mundo na modernidade. A modernidade e a ciência no iluminismo desenvolveu esta forma de poder - a colonialidade - que recria imaginários de dominação sob pressupostos civilizacionais racistas (Quijano, Mignolo, 2000).

## Colonialidade

- No entanto, estas perspetivas pós-coloniais falham ao colocarem a enfâse no racismo como forma primordial de exclusão negligenciando as raízes patriarcais do poder colonial. As perspetivas feministas entendem o género como elemento estruturador (e não subordinado) da colonialidade do poder, ou seja, como categoria colonial, o que permite historicizar o patriarcado, visibilizando as formas pelas quais a heteronormatividade, o capitalismo e a classificação racial se encontram aí imbricados (Costa, 2010: 50).

## Interseccionalidade

- A interseccionalidade, desenvolvida por teorias feministas constitui, igualmente, uma matriz teórica crucial no CEINAV. A supressão da diferença nas políticas de identidade é problemática considerando que as experiências de violência de muitas mulheres são condicionadas por outras dimensões das suas identidades como a “raça” e a classe (Crenshaw, 1992). A interseccionalidade é fundamental para entender como se interligam as diferentes formas de opressão com base no género, raça/etnia, sexualidade, idade e outras categorias de exclusão subjacentes ao sistema de poder colonial, patriarcal e capitalista nos contextos ocidentais.

## Interseccionalidade

- Nos sistemas de intervenção, o projecto CEINAV identificou vários dilemas na intervenção contra a violência que decorrem das limitações dos sistemas jurídico-legais e das dificuldades que as/os profissionais de diferentes áreas enfrentam, especialmente, quando confrontadas/os com mulheres migrantes ou de contextos culturais diferentes da cultura considerada dominante.

## Nota final

- Família, intimidade, afeto e desejo estão em transformação e a intervenção contra a violência constitui uma parte significativa desta (re)construção.
- Todas/os participamos nesta mudança paradigmática, e, pelo caminho, pretendemos também que o estatuto social de mulheres e crianças se altere, desafiando a sua sujeição e projetando um mundo mais libertador e mais justo para todas e para todos.

## References

- Hagemann-White, Carol (2016) “Intervention cultures”, CEINAV, mimeo.
- Chaturvedi, Vinayak (ed.) (2012) *Mapping Subaltern Studies and the Postcolonial*, London: Verso & New Left Review.
- Green, Marcus (2002) Gramsci Cannot Speak: Presentations and Interpretations of Gramsci’s Concept of the Subaltern, *Rethinking Marxism*, Vol. 14, Number 3 (Fall 2002), 1-23.
- Gramsci, Antonio () *Prison Notes*,
- Alves, Ana Rodrigues Cavalcanti (2010) “O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe”, *Lua Nova*, São Paulo, 80: 71-96, 2010
- Carbin, Maria & Edenheim, Sara (2013) “The intersectional turn in feminist theory: A dream of a common language?”, *European Journal of Women’s Studies*, 0(0) 1 –16.
- McKibbin, Gemma; Duncan, Rachael; Hamilton, Bridget; Humphreys, Cathy & Kellett, Connie (2015) The intersectional turn in feminist theory: A response to Carbin and Edenheim (2013), *European Journal of Women’s Studies* 2015, Vol. 22(1) 99–103.
- Gill, Aisha K & Brah, Avtar (2014) “Interrogating cultural narratives about ‘honour’ based violence”, *European Journal of Women’s Studies*, 2014, Vol. 21(1) 72–86.
- Ahmed, Bipasha; Reavey, Paula & Majumdar, Anamika (2009) “Constructions of ‘Culture’ in Accounts of South Asian Women Survivors of Sexual Violence”, *Feminism & Psychology*, Vol. 19(1): 7–28; 0959-3535.
- Quijano, Anibal (2000) “Coloniality of Power, Eurocentrism and Latin America”, *Nepantla: Views from South*, 2000, Vol. 1 Issue 3, p533-582.

## References

Torres, Carlos Alberto (2001)